

DAQUILO QUE FICA E BROTA NO CORPO: SE FAZER PESQUISADOR- PROFESSOR¹

DE LO QUE QUEDA Y BROTA EN EL CUERPO: CONVERTIRSE EN INVESTIGADOR-MAESTRO

Vinicius Abrahão de Oliveira

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
viniciusadeo@gmail.com

Daniela Franco Carvalho

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
danielafrancocarvalho@gmail.com

RESUMO

Este texto é fruto do que foi plantado principalmente a partir da graduação em Ciências Biológicas em corpo de sujeito que vai se fazendo pesquisador-professor. Feito uma dispersão em que se dá espaço e tempo ao que cai, fica e brota, busco investigar e dialogar com as diversas espécies-conceituais que povoam e se relacionam nesse território que é o corpo na diversidade de processos formativos. Brotos em sucessão ecológica que fogem à regra. Espécies que podem ser vistas por alguns como ervas-daninhas, mas que de tão danadas, arterias, vão fazendo do ensino de ciências um ecossistema fértil para a arte.

Palavras-chave: Ensino de ciências; Arte; sucessão ecológica.

Eixo temático: 4. Linguagens e culturas no ensino de Ciências e Biologia

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

Este texto es resultado de lo que se plantó principalmente luego de graduarse en Ciencias Biológicas en el cuerpo de un sujeto que se convierte en investigador-docente. Habiendo creado una dispersión en la que se le da espacio y tiempo a lo que cae, permanece y brota, busco investigar y dialogar con las diversas especies conceptuales que pueblan e interactúan en este territorio que es el cuerpo en la diversidad de procesos formativos. Brotes en sucesión ecológica que rompen la regla. Especies que algunos pueden considerar malas hierbas, pero que son tan dañinas y traviesas, están convirtiendo la enseñanza de las ciencias en un ecossistema fértil para el arte.

Palabras clave: enseñanza de las ciencias; arte; sucesión ecológica;

¹ Este trabalho contou com apoio da Fundação de Pesquisa de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) para cobrir parte dos custos necessários à participação no evento.

Eje temático: 4. Linguas y culturas en la enseñanza de las Ciencias y la Biología

Modalidad: Relato de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO (OU TODA NARRATIVA TEM UM CONTEXTO)

Este texto parte de uma inquietação. Uma não. Várias. Toda uma biodiversidade delas, distribuídas entre processos migratórios, extinções e inaugurações em um corpo de sujeito pesquisador-professor. Uma história de vida que academicamente começou, como o provavelmente esperado em alguém que já era admirado pela biodiversidade, na graduação em Ciências Biológicas. Dali se seguiu uma espécie de previsível sucessão ecológica: ainda é possível encontrar organismos originados no mestrado em educação - discretos, mas com raízes e comportamentos conceitualmente fortes - e mais recentemente uma área de transição, ainda jovem, com brotamentos do doutorado em educação. Vivências perpassadas desde o princípio, e que ainda continuam, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Temos, assim, um corpo-terreno-travessia, bem larrosiano (Larrosa, 2002), ocupado por relações aparentemente harmônicas. Lógicas. Mais alguns anos e o clímax há de ser alcançado. É possível quase vislumbrar seus habitantes futuros: mata de árvores-conceitos-certezas frondosas típicas de lá, animais-comportamentos de grande porte em passos lentos pelo seu novo território, ecologias em teias, literais ou não. Porém, acontece que as sucessões ecológicas seguem padrões *mais ou menos* previsíveis. E dentro de um *mais ou menos*, existem várias brechas consequentes que fogem ao que é normalmente esperado. Ainda mais quando o ecossistema é corpo, que não se dá só pelo natural, assim como extrapola a cultura. A essa altura, talvez, já caiba delinear que a dúvida, esse elemento tão essencial às ciências, vive de mãos dadas às inquietações mencionadas no início do texto. Há de se abrir espaço, clareira em jogo de luz e sombra, ao que irá surgir daí.

Foram nesses interstícios, de células, sorrisos, sinapses e arrepios na pele que, ainda na graduação, organismos até então aparentemente exóticos foram se aconchegando

nesse corpo. Sussurrando vontades em sons como as cantigas que Ondina² certamente compõem, ainda que prancha anatômica não capture a beleza de sua voz. É sabido que as espécies, caso bem adaptadas, povoam com facilidade o novo ambiente. Acontece também que essas espécies, talvez algumas de um gênero de planta-poesia, já ocorriam aqui, nesse corpo. Assim, foi questão de tempo para que todo o apaixonamento pela biodiversidade, em brotamentos vivos desde de criança, se materializasse não na pesquisa aplicada enquanto biólogo *stricto sensu*. Até porque, provavelmente não haveria espaço para essas espécies na dureza que geralmente se encontra nesse campo. Elas certamente seriam devidamente postas em seu lugar como ervas-daninha.

A questão é que foi havendo um reconhecimento nos estranhamentos, nisso que é tão danado que se espalhou por aqui. Essas espécies trouxeram questionamentos quanto à dureza das ciências naturais que por vezes parecem querer tornar tudo inerte - tentativa de neutralidade que tem sido questionada, ainda mais recentemente (Latour (2020), Haraway (2021)) - assim como estranhamento frente àquilo que cresce onde aparentemente não deveria naturalmente estar. Mas os encontros, ah, os encontros podem ser experiências, tal como foi o encontro com Larossa (2002), ainda só conceitual, infelizmente. E se, conversando com Larossa, a experiência é aquilo que nos passa, o que dizer daquilo que, nesse atravessamento, fica e brota no corpo?

Em um exercício de percepção e coleta de ao menos pequenos fragmentos desses brotos, alguns aqui chamados assim, mas já devidamente instalados, inclusive frutificados, o sentimento é de apaixonamento. Apaixonamento que vai se fazendo amor, ainda que correndo o risco de não saber o que de fato o amor é, mas disposto a ele e com ele aprender, tal como bell hooks (2021) pontua tão bem. Amor pela biodiversidade de seres em todas as suas formas de vida: bichos-ideias, plantas-filosofias, microrganismos-educação.

O PRIMEIRO BROTO (OU OS ORGANISMOS PIONEIROS)

Para não remontar neste texto a brotos tão subjetivos de um corpo ainda na infância, ainda que ciente, como posto acima, de que eles influenciam até hoje esse

2 CORRÊA, W. O estranho assimilado. São Paulo, SP: Livre editora, 2015.

ecossistema, vou me ater às sucessões iniciadas na graduação. É válido dizer que esses seres pioneiros também podem ser chamados de colonizadores. Porém, mesmo ciente de que os processos de colonização no e do corpo não se desfaçam com a percepção da sua existência, devo evocar a figura de Antônio Bispo dos Santos (2023) para reafirmar que o uso da linguagem exige cautela na escolha de certas palavras no lugar de outras, sendo esse um caminho importante para fazer crescer o que se quer, dando força, energia, matéria orgânica-conceitual a toda uma comunidade de saberes. Assim, pioneiros aqui são aqueles que não buscam colonizar, mas que chegam sabendo que há todo um engendramento de alianças, toda uma ancestralidade, que mesmo não listada, torna o solo fértil para outros tantos brotamentos que ampliam a vida.

Nas primeiras experiências em pesquisa em educação, que, convenhamos, incoerentemente também poderiam facilmente ser terreno infértil à biodiversidade, fui mediador no Museu de Biodiversidade do Cerrado. Foi inclusive nesse espaço que frutificou a primeira apresentação e publicação em um evento de ensino de biologia. Já ali, na produção do banner para apresentação, fui carinhosamente orientado³ a pensar em outra estrutura. Deixar que aqueles sussurros, espécies-vontades, crescessem. Nasceu um banner com poucas palavras, deixando a paisagem vasta para ser ocupada por imagens ligadas por setas. Uma ecologia de seres-saberes em fluxo de energia circular.

No dia da apresentação, um banner ao lado do outro e a sensação de estranhamento da quase ausência de texto. Ausência daquela estrutura já consolidada. O olhar de estranhamento também era de quem passava por mim. Mas foi também a partir desse estranhamento que se fez terreno para a curiosidade de alguns que olhavam para as imagens buscando uma lógica, uma narrativa. Exercício parecido ao que acontecia nas ações educativas enquanto mediador no museu. Espaço e tempo para a dúvida, para a incerteza. Muitas vezes para a conversa não formal, permeada por conceitos, sabedorias e vontades. Não era incomum passar um bom tempo em uma conversa longa com algum visitante. Imagino agora se houvesse uma mesa posta, tipicamente mineira, com café e pão de queijo. Será que há espaço em um museu de ciência, em meio aos animais

³ Tanto dessa história presente neste texto se fez e faz possível pelo compartilhamento em amizade e afeto na orientação acadêmica-viva que tive e que segue até hoje no doutorado.

taxidermizados, aos artefatos museais, aos processos educativos, às espécies historicamente plantadas em curadoria do que um museu deve ser, para uma mesa posta a outros saberes, outras práticas, outras histórias de vida?

Esses disparadores de encontros, sejam os que aconteceram nos eventos acadêmicos que se seguiram, sejam nos trabalhos como mediador e posteriormente bolsista de iniciação científica no museu, foram solo fértil para que aquelas espécies, as danadas, que crescem nas brechas da rigidez biológica, pudessem cada vez mais se proliferar. Delas, nasceu um artefato museal, uma casa pensada para acolher o imaginário do cerrado e daqueles que vivem nele. Para experimentar pôr a mesa, também literalmente. Sejam nos quatro cômodos, com seus móveis, assim como em seus vazios. Nas fissuras da parede de barro, a casa acabou sendo habitat também para mim por permitir que novas arquiteturas fossem sendo inauguradas em corpo de sujeito pesquisador. A essa altura, os estranhamentos mais comoviam - movimento - do que paralizavam esse território que ia se instaurando. Convite ao museu imaginário de André Malraux (2014) e os consequentes conflitos e metamorfoses do museu. Aos brotamentos de que “o museu é o mundo”, no catálogo da exposição de Hélio Oiticica (2010). De que é possível sim perceber com afetos diversos a diversidade do que nasce, cresce e permanece em corpo de sujeito pesquisador-professor nas experiências vividas nos diversos espaços educativos. De que museu não só pode ter a mesa posta em convite aberto a quem visita, como pode ter o corpo posto à biodiversidade que se acomoda e prolifera.

O SEGUNDO BROTO (OU A COMUNIDADE INTERMEDIÁRIA)

Nessa diversidade, a pesquisa em jogos digitais durante o mestrado em educação foi como encontrar uma espécie nova formada por pixels em um baú de tesouros em meio ao cerrado já ocupado por gramíneas e pequenos arbustos. Se antes, no primeiro brotamento, as espécies danadas no ensino de ciências já causavam algum estranhamento aos olhos de biólogos *stricto sensu*, agora, mesmo pesquisadores da pós-graduação em educação estranharam a existência de uma flor pixelada em meio ao que é dito natural nesse ambiente. Por sorte, sorte não, abertura ao novo, em meio a essa expedição em mim, encontrei com a virtualidade, tão discutida com Pierre Lévy (1996), que me contou que

ela não se opõe à realidade. Essa expressão de vida, esse potencial de ser, já está na estrutura que também se abre à mudança, tal como Lévy implanta em mim palavras de um imaginário de quem abre as mãos e exhibe uma semente que acordou após meses sem chuva no cerrado, mostrando toda a existência de uma árvore contida nela.

Ficou ainda mais enraizado aqui que a poesia que brota do encontro também pode se dar na virtualidade, seja ela digital ou não. As ervas daninhas agora eram monstros pixelados, cada um na sua singularidade programada, de um jogo digital. Nele, o jogador poderia optar por traçar uma rota clássica, esperada no universo dos jogos, tal qual uma sucessão ecológica em moldes muito bem delimitados de comportamento. Uma rota de combate físico e eliminação do outro. Nessa analogia com as ervas daninhas e os monstros do jogo, um genocídio aconteceria, palavra forte que não perde o peso que atribui, seja em um jogo digital ou fora de qualquer virtualidade. Ou, e aí está o mergulho na surpresa⁴, o jogador poderia seguir uma rota de diálogo e ação a cada encontro com um monstro, dando espaço e tempo para que a alteridade se manifestasse sem violência e o conflito fosse resolvido justamente pelo entendimento da vida que se gera nesse encontro, nesse momento em que se pode estabelecer por meio das diferenças.

Essa mudança entre pesquisas, de brotos inaugurados em um museu, para espécies pixeladas em um jogo digital, causaram um rebuliço ecológico. Novas relações precisaram ser criadas para que se sustentasse a vida, ou talvez tenha sido a própria abertura para a vida que tenha sustentado essas novas relações. Essas zonas de transição, em que se confunde as fitofisionomias, em que uma semente se dispersa com o vento um pouco mais além de até então onde ocorria, em que uma raiz cresce e toca outra espécie, elas, essas transições em fluxo de passagem inesperada, são preciosas, ainda que desestabilizadoras. É por vezes com elas que novas descobertas foram feitas aqui, nas reinvenções do que ainda daria espaço para tantos outros brotamentos.

⁴ Maurício Pereira (2023), me conta tanto nas músicas que compõe e canta, quanto no livro “Minha Cabeça Trova - as letras que fiz e suas histórias”, como ficar atento às minúcias do dia, do cotidiano, são importantes para se pensar em outras rotas de fazer vida, de criação.

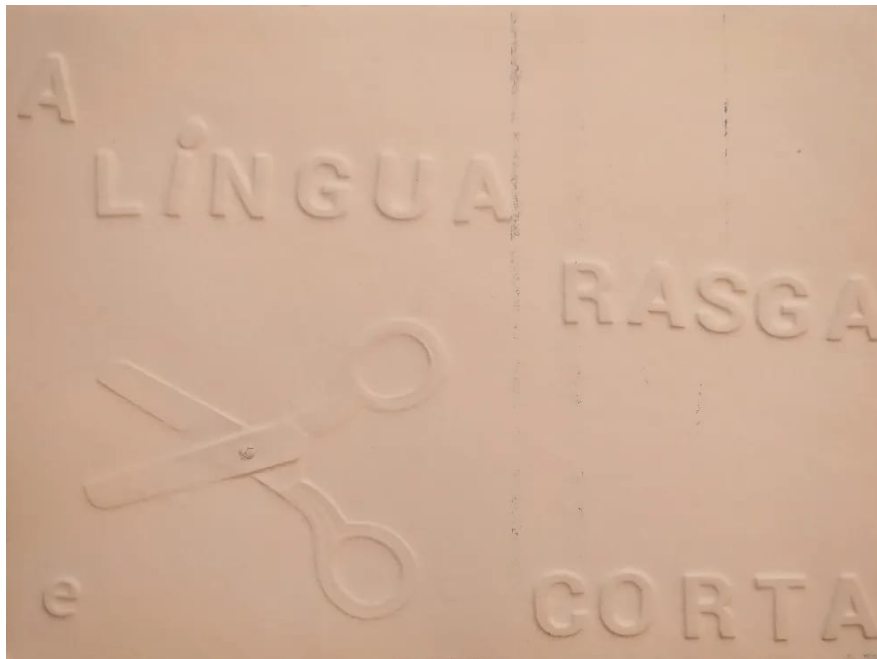
O TERCEIRO BROTO (OU CLÍMAX)

Esse exercício de criar e se permitir ser criado deixa o corpo fervilhando em vida. São tantas palavras, ideias, desejos, dúvidas em território de relações subterrâneas, terrenas, avoantes. Quase como se o texto já estivesse pronto, ao entender que o pronto mesmo nunca chega nem há de chegar. Quando não se tem um limite, são nas bordas borradas, carcomidas pelo tempo e pelas alianças feitas em produção e decomposição constante, que o corpo já não dá conta mais de reter o que é preciso deixar vazar. Donna Haraway (2021) já me alertou que chamamos de humano aquilo que só se é hoje por tudo o que já foi, pelas espécies que habitaram e habitam cada meandro do intestino, interstícios ocupados por uma diversa microbiota. Pelas brincadeiras na domesticação de canídeos, em que lambidas no rosto povoaram o corpo em ancestralidade que perdura.

Foram por meio de outras trocas de fluídos entre espécies-linguagens que surgiram suavidades intensas em meio ao território. A essa altura, de um corpo-ecossistema em teias e veias vivas, orgânicas, entrar em uma oficina de gravuras oferecida pelo Coletivo Vespa Joia⁵ foi consequente. Oportunidade de ver esse bicho voar e pousar em pausa sem pressa, exibindo sua iridescência em meio a tantas formas de se produzir gravuras. Nesse encontro, as palavras, que tanto permitem nomear as espécies e relações ecológicas desse corpo, ganharam novos contornos (Fig. 1).

⁵ @vespajoia

Figura 1: Gravura “A língua rasga e corta” (2023).



Fonte: acervo pessoal.

Materializar as marcas. Dar gosto, textura à linguagem que tanto produz, determinando o corpo ao afirmar aquilo que pode e não pode. Aquilo que é natural ou não. A intencionalidade de utilizar os métodos de gravura com objetos e relevo seco dentre tantos outros no momento aprendidos foi também pela leitura recente das palavras de Anne Dufourmantelle (2022). A suavidade para ela apresenta uma potência que não está precisamente localizada, que não pode ser capturada, estando sempre na fronteira, estando inclusive presente na relação animal, vegetal, mineral e estelar. Pensando com ela, há nesse encontro entre a prensa, o tecido, o papel umedecido e os objetos, um jogo, uma potência fronteira que a suavidade habita, ainda que na transitoriedade do momento. Mesmo que a língua possa rasgar e cortar, ela também sibila, sussurra, de forma a deixar marcas, históricas, simbólicas, estruturais que podem ser tão ou mais violentas que atos ditos demasiadamente fortes. Marcas essas algumas vezes ainda assim quase imperceptíveis. No caso da gravura, o abraço aperta, mas não prende, mesmo que essas marcas tenham permanência, gravadas nessa pálida memória.

Na busca por um diálogo com a gravura, a língua, enquanto estrutura anatômica, emerge e dança, compondo com o que na boca é colocado, permitindo o paladar,

acolhendo gostos e desgostos em cada papila gustativa evolutivamente organizada. É também a mesma língua que beija, que provoca arrepio e o tremer de pernas quando usada de determinadas formas. Fora da sua literalidade anatômica, suas determinações parecem extrapolar territórios, ainda que seja também a língua uma das responsáveis pela união, ao menos em tese, de um determinado povo. Em tese, já que falar a mesma língua não é o suficiente para que os ruídos, os rasgos e cortes comunicacionais sejam evitados. A alteridade nesse processo é inevitável, assim como as incontáveis interpretações do que é dito e escrito. Queimamos a língua no contato precipitado com o café, como logo em seguida podemos queimá-la ao falar sem pensar. Morder a língua por terem descoberto uma mentira contada, morder por arrependimento? A literalidade aqui também acompanha os movimentos.

Lenora de Barros (1953 -) é uma referência importante nessa proposta, principalmente pela exposição “Minha língua” que aconteceu em 2023 na Pinacoteca de São Paulo⁶. São os movimentos da língua que tocam a máquina de escrever, em um enlace erótico e poético da formação das palavras. Uma relação tão íntima entre o órgão que colabora na palavra falada em contato direto com as teclas que marcam a cada batida o papel virgem.

Por fim, entre tantos compartilhamentos de criaturas que já não se sabem se são fabuladas, o que não importa senão para novos catálogos e taxonomias perfeitamente e propositalmente desorganizadas, o corpo já entregue ao que é danado também se deixar brotar em meio ao concreto que a cidade expõe. Entre os instrumentos, além do próprio corpo, claro, uma máquina fotográfica analógica. Caminhar também é imprescindível. É nesse trabalho de campo, entre ecologias urbanas, que olhos curiosos buscam pelos encontros. Como bem me lembra Elaine Schmidlin (2015), já que “os encontros *entre* paisagens territoriais podem forçar o pensamento, romper com as certezas e o senso comum do que se denomina arte e educação”. Assim, entre ao menos os territórios que são o corpo-cidade, nascem outras espécies por meio de colagens digitais em fotografias

⁶ Mais sobre a exposição pode ser visto pelo link

<https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/lenora-de-barros-minha-lingua/> Acesso em 20 mar 2024

analógicas digitalizadas (Fig. 2 e 3), talvez buscando, de alguma forma, a lembrança de que “discutir ecologia sem discutir arquitetura é ilusão”, como Santos (2023, p. 65) pontua.

Figura 2. A arquitetura ornitológica de espécies urbanas



Fonte: acervo pessoal

Figura 3. A arquitetura ornitológica de espécies urbanas



Fonte: acervo pessoal

CONCLUSÃO (OU QUAL O CLÍMAX DO CORPO?)

Nesse exercício ecológico, as sucessões seguem e cessam. Ao menos naturalmente falando. Mas, a essa altura do texto, a naturalidade já foi experimentada, questionada, observada e tensionada. Talvez ainda não o suficiente, já que se tratando enquanto pesquisa acadêmica, o doutorado, com seus desafios, aventuras e alianças futuras certamente continuará sendo um ambiente que vai introduzir novas espécies, assim como inaugurar novas arquiteturas, inventando novas paisagens que se confundem propositalmente para que a partir delas novas ecologias, novas experiências e novas dúvidas surjam.

E para isso, entendo com Simas e Rufino (2020) que “o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto”. Assim, as extinções e desencontros dados por esse caminho acadêmico, que tanto podem parecer infelizes, quanto podem ser vistos como movimentos consequentes, dizem mais da importância de se manter o encantamento, dando espaço para que a diversidade prolifere. Não parece fazer sentido, enquanto pesquisador-professor em territórios biológicos no sentido mais amplo possível, que ensinar biologia seja avesso não apenas a ensinar vida, mas a estar aberto a ela. E estar aberto à vida é assumir os desencontros desestruturantes, os sustos em reconhecimento ao que já não se sabe o que é e de onde vem, questionando as certezas tão instituídas pelas próprias ciências biológicas.

Biologia que tanto pontua pesquisar sobre a vida, mas que pode desencantar corpos-espécies-desejos, eliminando o que é tido como erva daninha. Giselle Beiguelman (2022) já havia me alertado para as nomeações de espécies vegetais e como elas podem carregar racismo e misoginia. Mas é também ela que me lembra que é possível se recriar com outras linguagens, fazendo de tudo isso composto orgânico para a proliferação da vida. Uma busca também pelo saber orgânico que Santos (2023) fala, de forma que orgânico seja aquilo que é acessível a todas as formas de vida.

Por isso, nessa diversidade de brotamentos que busco resistir a catalogar e que me abrem para buscar sentido e sentires através das palavras deste texto, agradeço aos habitantes que compartilham esse mesmo corpo. O encontro, esse momento tão raro que faz das estratégias evolutivas entre espécies uma dança íntima, como a de uma dada flor

e seus polinizadores, é festa. E aqui, em ambiente com aves-prédios, marcas permeadas por suavidade e espécies ainda não nomeadas, ainda há muita curiosidade pelos próximos encontros com a vida.

E partindo que esse texto aconteceu pelos encontros singulares nessa trajetória, é válido sugerir que alguns momentos dessa trajetória podem ser similares ao de outras pessoas professoras-pesquisadoras em ciências biológicas. Assim, ainda que não seja possível uma reprodução disso que também pode ser pensado como uma ampla prática pedagógica, talvez o maior convite que possa ser feito a quem ler esse texto, é de que as histórias de vida de todas as formas de vida contam, mais que quantitativamente, mas principalmente no sentido de suas narrativas. Do que contam. Vai, então, da abertura, ainda que inicialmente pequena, pelo estranhamento desse exercício, de se estar atento, verdadeiramente interessado, encantado, para que esses corpos, biodiversos, se deem em aliança com quem, teoricamente, tem tanta proximidade com o estudo da vida.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, G. botannica tirannica: da genealogia do preconceito às possibilidades de um ecossistema errante. **ClimaCom – Políticas vegetais** [Online], Campinas, ano 9, n. 23, dez. 2022. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ecologiais-indonmaveis/>

BRAGA, P. Quantas vidas tem a arte? In: **HÉLIO Oiticica: museu é o mundo**. São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2010.

CORRÊA, W. **O estranho assimilado**. São Paulo, SP: Livre editora, 2015.

DUFOURMANTELLE, A. **Potências da suavidade**. São Paulo, SP: n-1 edições, 2022.

HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Tradução Pê Moreira; revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2021.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo, SP: Editora Elefante. 2021.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.

LATOUR, B. **Onde aterrar?**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bazar do Tempo, 2020.

LÉVY, P. **O que é o virtual?**. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1996.

MALRAUX, A. **O museu imaginário**. Lisboa, PT: Edições 70, 2014.

PEREIRA, M. **Minha cabeça trovoa: as letras que eu fiz e suas histórias**. Bauru, SP: Mireveja, 2023;

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo, SP: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SCHMIDLIN, E. Por [entre] paisagens. *In*: GUIMARÃES, L. B.; KRELLING, A. G.; PEREIRA, J. C.; DAL PONT, K. R. (Org.). **ecologias inventivas: experiências das/nas paisagens**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro, RJ: Mórula Editora, 2020.